

# São Sebastião

uma devoção concelhia



# MSML

## Legado histórico e pluralidade expositiva

Historicamente, este espaço museológico localizado na freguesia de Santa Maria de Lamas, popularmente denominado por Museu da Cortiça, foi classificado e edificado na década de 50 do séc. XX pelo seu fundador, o industrial Henrique Alves Amorim, como a sua “Domus Áurea, arquivo de fragmentos de Arte”. Construído de raiz para albergar a sua ampla colecção, arquitectonicamente apresenta características formais (planta, alçado, ambiência decorativa), próximas de grande parte dos edifícios nacionais de índole civil e religiosa do início do século XX, (sintetizando princípios construtivos e estruturais da arquitectura vernacular e estética do Estado Novo em Portugal, promovida sob a tríade de valores inspiradores: Deus; Pátria e Família).

Globalmente, o seu acervo ímpar caracterizado pela interdisciplinaridade, reflecte influências conceptuais historicistas, resgatando aos séculos XV e XVI a sua primeira morfologia, aproximando-se dos ditos Gabinetes de Curiosidades, espaços de proliferação simultânea de objectos artísticos e simbologias de percepção da Ciência, da História, da Geografia e da própria Economia local e global da humanidade.

Todas estas características sublimam memórias peculiares, existentes na própria constituição do edifício, onde percorrendo as dezasseis salas que o constituem (das quais actualmente 11 integram a exposição permanente do Museu), destacam-se: Arte Sacra (Retabulística em talha dourada; imaginária, compacta ou em roca; relevos; oratórios e pintura religiosa); Medalhística; Papel-moeda (Notas de expressão global); Objectos Etnográficos; Retraticística/Iconografia do Fundador; Mobiliário civil (Rocaille; Neoclássico; Arte Nova; Chinoiserie; Indo-Português; Neo-Mourisco etc); Estatuária finissecular e de 1ª metade do séc. XX; Objectos tipologicamente inseridos nas Ciências Naturais (Biologia; Geologia e Paleontologia); Tapeçarias; Azulejaria; Estatuária em Cortiça/aglomerado de Cortiça e Engenharia industrial (maquinaria usada nos primórdios da Indústria transformadora de Cortiça).



# São Sebastião

## Uma devoção concelhia

*"(...) fustigados por fomes, pestes e guerra (...) o povo da Terra de Santa Maria e os seus patronos pedem protecção e bênção a S. Sebastião (...) voto de partilha do pão doce (...) símbolo de união e marco da identidade cultural e religiosa do município (...)"*

Secularmente a Terra de Santa Maria personificou a coragem, a lealdade e a honra de um povo em comunhão de ideais. Com um legado histórico pontuado por momentos de razão e devoção, este aglomerado populacional situado num território de fronteira e declive entre as "montanhas do Douro e Vouga"<sup>2</sup> e a costa, sedimentou através da sapiência, engenho e empenho laboral dos seus constituintes, um posicionamento e contributo proactivo peculiar para o processo evolutivo de Portugal – cronologicamente definido entre o longínquo megalitismo pré – histórico e a conjuntura socioeconómica actual.

Reconhecida pelos seus feitos e caracteres próprios a estirpe feirense usufruiu, desde o período mais recôndito da sua gestação estatutária, de um protectorado singular: o resguardo material da sua fortaleza, o castelo (edificado e renovado entre os sécs. IX/X – XVII), e a graça do recobro metafísico em momentos de agonia, principalmente personificada pelo culto ao anti pestífero São Sebastião.

É no voto prestado a São Sebastião, mártir do cristianismo que padeceu de um suplício violento e sem precedentes, que a identidade feirense surge uniformizada em pleno desde 1505. Perante a peste, silencioso sopro da morte que assolou esta área habitacional<sup>3</sup>, o pão doce de sécs. XII/XIII; a tradicional Fogaça (oferenda secular ao

mártir, ícone de unidade e principio colectivo da população concelhia), aniquilou a epidemia e personificou um "pacto" entre a imperfeição do humano e a virtude divina. Busca de cobertura e redenção perpetuada até à contemporaneidade.

Inerente a esta comemoração de identidade colectiva, o MSML assinala a Festa das fogaceiras através da exibição de um núcleo expositivo de imaginária religiosa, em madeira policromada - de produção oficial Portuguesa - expressamente definido sob princípios iconográficos e hagiográficos de São Sebastião, interpretados na sua maioria na 1.ª metade do séc. XVII.

Deste modo, a ambiência exaltada conjuga a iconografia e o ascetismo cultural Sebastianiano, com a presença de referências ao próprio Castelo de Santa Maria da feira, sua planimetria, e respectiva replicação em cortiça. "Alegoria" escultural ao complexo fortificado, monumento cuja morfologia inspirou parte da volumetria do pão doce do voto ao mártir, a fogaça. Uma oferenda reflexiva da desenvoltura do relevo feirense, coroada no topo pela analogia aos quatro característicos coruchéus da Alcáçova - Torre de Menagem deste castelo. Verdadeiro "baluarte" defensivo, administrativo e cultural ímpar. Na história civil e arquitectónica nacional - palaciana e militar - entre os primórdios da Reconquista<sup>4</sup> e a época moderna.

<sup>1</sup> Cf. Aa.Vv. – Museu do Convento dos Lóios. Catálogo geral. St.ª Mª. da Feira: C.M.S.M.F., 2008, p. 153.

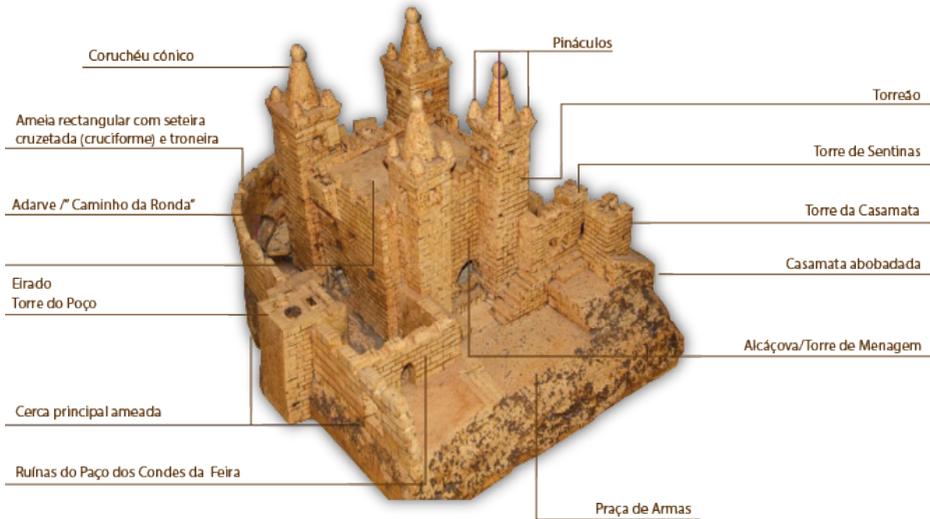
<sup>2</sup> Cf. RIBEIRO, Orlando – Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. 4.ª Edição. Lisboa: Sá da Costa, 1986, pp. 147 – 148.

<sup>3</sup> A peste negra, presumível fusão de peste bubónica com pneumónica, constituiu um dos surtos epidémicos mais mortíferos da história humana – principalmente na baixa idade média. Com maior taxa de incidência e de mortalidade verificada nos territórios ocidentais da Europa – dizimando grande parte dos seus habitantes -, calcula-se que esta enfermidade assolou a Terra de Santa Maria em duas cronologias distintas: no período medieval, sécs. XII a XVI e na época Moderna, em pleno séc. XVIII, aquando de um incumprimento de quatro anos do voto a São Sebastião – cujo regresso da pestilência foi encarado como castigo divino – cf. CARVALHO, Sérgio de Oliveira – Os portugueses e o mundo. A festa das fogaceiras. St.ª Mª. da Feira: C.M.S.M.F., 1985, pp. 5 e 7.

<sup>4</sup> "(...) O territorium Portucuale inclui a civitas de Anegia (Eja), que se estende para norte do Douro, e a de Santa Maria, a sul. A primeira entra-se referenciada documentalmente a partir de 875, e a civitas de Santa Maria a partir de 977 (...)” – cf. BARROCA, Mário – “Do castelo da Reconquista ao castelo românico”. Portugalia. X-XI, Porto: 1990 – 1991, p. 91.

# Civitas Sancta Mariae

O Castelo, princípio identitário da génese feirense



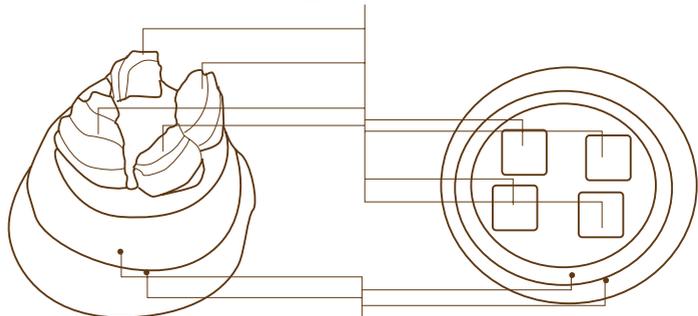
## O voto Sebastianino

A Fogaça - Ex-voto anti pestífero e paralelismo arquitectónico - geográfico com a *Terra de Santa Maria*

Pão doce cujo o receituário remonta aos primórdios da baixa idade média - possivelmente anterior ao próprio séc.: XII, quiçá existente entre os sécs.: IX-X, período de fundação da *Civitas Sancta Mariae*. Morfológicamente representativa dos costumes, produtos e identidade geográfica de Santa Maria da Feira, com expoente na sua fortaleza. Ex-Voto anual, secularmente tributado a São Sebastião, com vista à sua interseção de índole apotropaica perante pestilências, fomes e conflitos bélicos.

Ingredientes: Ovos, açúcar, canela, fermento, manteiga, sal, limão e farinha.

Formas análogas dos 4 característicos coruchéus da Alcáçova - Torre de Menagem do Castelo de Santa Maria da Feira. (Noutra interpretação figuram também os 4 pináculos existentes nas extremidades de cada coruchéu cónico da fortaleza.



# Implementação cultural de um mártir do Cristianismo

*"(...) Sebastião, deriva de Sequens, "o que segue" (...) Beatitudo, "bem aventura" ou felicidade de (...) Astym, "cidade" e Ana que é "acima" ou "para cima" (...) Aquele que segue a bem-aventurança da cidade Celeste (...) "*  
*Giacopo di Voragine (Tiago de Voragine)<sup>5</sup>*

Personalidade Cristã sinónima de culto secular, São Sebastião obteve na aura específica da cronologia medievla condições propícias para atingir uma proliferação alargada de todo o seu processo devocional. Com uma hagiografia invocada globalmente, a crença na sua interpelação perante a hierarquia celeste, subsidiou o crescendo do seu culto numa conjuntura espaço-temporal fustigada constantemente por alterações climáticas rigorosas, pobreza extrema, escassez de alimentação, falta de higiene, conflitos belicosos e medo da soturnidade de epidemias e pestilências mortíferas – período espontaneamente identificado como época de fomes, pestes e guerras<sup>6</sup>.

Em plena baixa idade média, perante a pandemia da "peste negra" – enfermidade resultante de uma miscelânea de peste bubónica com pneumónica - grande parte das casas senhoriais, infantados, complexos habitacionais, administrativos e núcleos proletários europeus, a par de cultos e crenças pagãs, depositaram na fé cristã a sua última esperança de sobrevivência. Deste modo, face à resistência do santo perante as flechas do seu primeiro martírio<sup>7</sup>,

seu estatuto de *depulsor pestilitatis* – defensor da igreja contra a peste – atraiu os féis suplícantes, multiplicando-se geograficamente o culto professado à sua figura, principalmente no domínio de oferendas, procissões, edificação de santuários e mecenato de objectos artísticos devocionais. Metodologias de afastamento da pestilência que se prolongaram pela época moderna<sup>8</sup>, mantendo-se ainda activas em plena contemporaneidade<sup>9</sup> – cujo cumprimento anual da manifestação cívica e religiosa da festa das Festa das Fogaceiras, se define como expoente máximo da continuidade do culto Sebastianino.



<sup>5</sup>VORAGINE, Tiago de – *Legenda Áurea*. Tomo I. Porto: Editora Civilização, 2004, p. 126.

<sup>6</sup> Conjuntura adversa verificada na Terra de Santa Maria, desde os primórdios da época medieval: "(...) Em 1184, 1190 e 1191, as invasões dos almóadas e a guerra com Leão deixaram um rasto de desolação e angústia (...) Neste contexto de pavor e terror surgiu mais uma peste "especialmente em terra de Santa Maria, Bispoado do Porto" matando a terça parte das gentes" (...) sobrevoje um eclipse do sol em 1199 (...) violentas tempestades terrestres e marítimas de chuva e granizo seguidas de prolongadas secas (...) afectam profundamente o povo e respectivas autoridades (...) foi neste ambiente vivido pelas populações da Feira (...) que terá surgido o voto a São Sebastião entre o povo (...) " – cf. RODRIGUES, David Simões – *Fogaceiras. Oitocentos anos de história*. (Separata da revista *Villa da Feira*), St.ª M.ª, da Feira: Liga dos Amigos da Feira, 2005, p. 8.

<sup>7</sup> As flechas, simbolismo da ira de Deus, foram secularmente consideradas instrumentos de castigo divino, estatuto que o entendimento do morticínio das pestilências medievlas também atingiu. Deste modo, visto que na sua maioria as representações iconográficas da peste difundem a imagem da morte - por vezes a cavalo, um animal inclusive citado no livro do Apocalipse como simbolismo da mortandade pela peste, aquando da sua coloração amarela -, na posse de uma flecha (grafismo comum em algumas iluminuras de séc. XV), a resistência de São Sebastião perante este instrumento contundente no episódio do seu 1.º martírio, constituiu um escape para os cristãos atemorizados. Invocando-o como escudo perante as flechas letais dos surtos epidémicos. "(...) A fama de defensor da igreja contra a peste: "depulsor pestilitatis" será o grande motivo para o crescimento espantoso do culto, que recorre à intercessão do Mártir (...) uma vez que São Sebastião obteve a graça de escapar do suplício das flechas, podia constituir a base para a convicção da sua protecção para as flechas perigosas das epidemias frequentes, entendidas como castigos divinos (...) As setas serviam como amuleto e com elas tocavam-se os alimentos. Adoptar o nome do santo era considerado, só por si, uma protecção (...) " – cf. Aa. Vv. – *O Mártir: corpo ferido na árvore*. Catálogo da exposição comemorativa dos 500 anos da festa das fogaceiras em honra de São Sebastião. St.ª M.ª, da Feira: Câmara Municipal de St.ª M.ª, da Feira, 2005, pp. 10 e 11.

<sup>8</sup> A sua iconografia foi bastante apreciada no próprio Renascimento numa vertente de glorificação humanista, exaltando as características físicas do corpo despojado de vestuário no seu martírio. A par desta visão, o sofrimento e intensidade implícita do episódio da sua flagelação, correspondem aos pressupostos dos tratados e directivas artísticas do dramatismo Barroco pós-tridentino – cf. REAU, Louis – *Iconografia del arte Cristiano*. Iconografia de los Santos. Tomo II, vol. V. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1998, p. 196.

<sup>9</sup> Citando-se nas páginas da história contemporânea da cidade do Porto uma invocação ao protectorado de São Sebastião, com vista à eliminação de uma epidemia de peste bubónica que assolou a população nortenha, em pleno decurso do séc. XIX. "(...) Uma série de livros contra a peste seriam publicados até ao final do século XIX, como é o caso do folheto *Defeza individual e doméstica da peste bubónica: instruções práticas para uso público, para atalhar a epidemia do Porto (...)*" – cf. Aa.Vv. – *Ob. cit.* (2005), p. 11.

# A Passio iconográfica de São Sebastião

## São Sebastião

1957.0297

Escultura de vulto pleno  
Madeira policromada, carnada e  
dourada

Oficina de carácter erudito, 1.<sup>a</sup>  
metade do séc. XVII

**Iconografia:** 1.º Martírio de São  
Sebastião



### Atributos e desenvoltura estética:

- Corpo ferido com chagas - orifícios de colocação das flechas do martírio
- *Perizonium*, panejamento púbico ensanguentado, decorado com contorno vermelho, faixa dourada e motivos fitomórficos.
- Rosto imberbe, gracioso e sereno; decorado com carnação rosada e tratamento capilar ondulante.
- Despojado de vestuário, preso a um tronco de árvore através de cordas – motivo arbóreo, com estrutura similar ao posicionamento anatómico do santo.
- Posicionamento bipolarizado dos membros superiores em combinação diagonal.

# A Passio iconográfica de São Sebastião

## São Sebastião

1957.1170

Escultura de vulto pleno  
Madeira policromada e carnada  
Produção oficial/individual de  
caracter popular, 1.ª metade do séc.  
XVII

**Iconografia:** 1.º Martírio de São  
Sebastião

### Atributos e desenvoltura estética:

- Corpo ferido com chagas - orifícios de colocação das flechas do martírio.
- *Cendal* púbico ensanguentado, em forma de calção.
- Rosto imberbe, sereno e distante; decorado com tratamento espontâneo, depurado; ausente de realismo, teatralidade ou proporção.
- Despojado de vestuário, preso a um tronco de árvore através de cordas – motivo arbóreo, com estrutura similar ao posicionamento anatómico do santo, cujo ramo secundário, apresenta múltiplas raízes aparadas.
- Estrutura anatómica frontal, rígida e arcaizante na sua volumetria.



# A *Passio* iconográfica de São Sebastião

**São Sebastião**

**1957.0296**

Escultura de vulto pleno  
Madeira policromada e carnada  
Oficina de carácter erudito, 1.<sup>a</sup>  
metade do séc. XVII

**Iconografia:** 1.º Martírio de São Sebastião



## **Atributos e desenvoltura estética:**

- Corpo ferido com chagas - orifícios de colocação das flechas do martírio.
- *Perizonium* púbico ensanguentado, ondulado e dinamizado pelos seus pregueados.
- Rosto imberbe, orientado para o céu, boca entreaberta e carnação facial rosada.
- Despojado de vestuário, preso a um tronco de árvore através de cordas – motivo arbóreo, com estrutura similar ao posicionamento anatómico serpenteado do santo.
- Posicionamento dos membros superiores em combinação vertical
- Membros inferiores independentes do lenho.

# A Passio iconográfica de São Sebastião

**São Sebastião**

**1957.0457**

Escultura de vulto pleno

Madeira policromada, estofada,  
dourada e carnada

Oficina de carácter erudito, séc. XVII

**Iconografia:** 1.º Martírio de São  
Sebastião

## **Atributos e desenvoltura estética:**

- Corpo ferido com chagas - orifícios de colocação das flechas do martírio

- *Perizonium* púbico ensanguentado, ondulado e dinamizado pelos seus pregueados; ricamente ornado.

- Rosto imberbe, absorto, olhar fixo e carnção facial rosada.

- A farta cabeleira expande-se até à área dos ombros, movimentada por relevos e linhas onduladas – um jogo estético de côncavo e convexo, próprio dos desígnios expressivos da época Barroca.

- Despojado de vestuário, a sua anatomia virtuosa, ligeiramente serpenteada e proporcional, apresenta-se actualmente mutilada.

- Vestígios dos membros inferiores definidos simetricamente; com a perna esquerda recuada, tensa, constituindo um autêntico esteio da dinâmica anatómica da figura.



# A Passio iconográfica de São Sebastião



## São Sebastião

1957.0295

Escultura de vulto pleno  
Madeira policromada, dourada e  
carnada

Oficina de carácter erudito, 1.<sup>a</sup>  
metade do séc. XVII

**Iconografia:** 1.º Martírio de São  
Sebastião

### Atributos e desenvoltura estética:

- Corpo ferido com chagas - orifícios de colocação das flechas do martírio.
- *Perizonium* púbico ensanguentado, composto por diagonal e decorado com faixas de douramento.
- Rosto imberbe, orientado para o céu – acto suplicante - boca entreaberta e carnação facial rosada.
- Despojado de vestuário, preso a um tronco de árvore tripartido, através de cordas – motivo arbóreo, usado como estrutura paralela ao posicionamento anatómico do santo.
- Posicionamento bipolarizado dos membros superiores, em combinação diagonal - com declive acentuado.
- Volumetria e atitude corporal dinâmica, expressiva e dramática; consumada através de avanços e recuos, proporção regular e sobretudo, serpenteado anatómico.

# A Passio iconográfica de São Sebastião

**São Sebastião**

**1957.0459**

Escultura de vulto pleno

Madeira policromada, carnada e dourada

Oficina de carácter erudito (?), 1.º quartel do séc. XVII

**Iconografia:** 1.º Martírio de São Sebastião

## **Atributos e desenvoltura estética:**

- Corpo ferido com chagas - orifícios de colocação das flechas do martírio.
- *Perizonium*, panejamento púbico ensanguentado, desenvolvido a partir de uma corda colocada na cintura do mártir.
- Rosto imberbe e confiante – simbolismo de fidelidade ao cristianismo, mesmo quando se encontra condenado à morte.
- O cabelo bidireccional, apresenta-se estático e circunscrito ao crânio e ao pescoço do santo, caindo verticalmente sobre os ombros.
- Despojado de vestuário, preso através de cordas, a um tronco de árvore tripartido. Posicionamento bidireccional dos membros superiores, formalizando um eixo diagonal.
- Estrutura anatómica frontal, robusta, rígida e com alguma rudeza/disparidade proporcional.
- Base hexagonal, influência oficial brabantina – Ducado de Brabante, Flandres.



# A Passio iconográfica de São Sebastião

## São Sebastião

1957.0449

Escultura de vulto pleno  
Madeira policromada e carnada  
Produção oficial/individual de  
caracter popular, 1.ª metade do séc.  
XVII

**Iconografia:** 1.º Martírio de São  
Sebastião



### Atributos e desenvoltura estética:

- Corpo ferido com chagas - orifícios de colocação das flechas do martírio.
- *Perizonium* púbico ensanguentado, rígido na desenvoltura de pregueados, e amarrado por uma corda, circunscrita à cintura de Sebastião.
- Rosto imberbe, ovalado e, embora bastante desgastado, percebe-se uma possível expressão de súplica.
- Tratamento espontâneo, depurado; ausente de realismo, ou grande teatralidade.
- Composição escultórica de escala reduzida, mutilada.
- Estrutura anatómica frontal, rígida e arcaizante na sua volumetria.
- Pernas simétricas, independentes do motivo arbóreo.

# A Passio iconográfica de São Sebastião

**São Sebastião**

**1957.0448**

Escultura de vulto pleno

Madeira policromada, carnada e dourada

Oficina de carácter erudito, 1.ª metade do séc. XVII

**Iconografia:** 1.º Martírio de São Sebastião

## **Atributos e desenvoltura estética:**

- Corpo ferido com chagas - orifícios de colocação das flechas do martírio.
- *Perizonium* púbico ensanguentado; panejamento único, com pregueados convergentes, amarrado lateralmente no lado esquerdo da sua cintura.
- Rosto imberbe, perene de frontalidade; dinamizado plasticamente pela sua carnação facial rosada
- Cabelo curto, estático e circunscrito à área do seu crânio
- Despojado de vestuário, preso ao tronco de árvore do suplício, ausente de ramificações secundárias – esteio vertical da composição.
- Posicionamento dos membros superiores em combinação vertical, com o braço direito amarrado ao lenho sobre a cabeça, e o esquerdo, atrás das suas costas.
- Pernas simétricas, cujos pés, excedem o perímetro da base sinuosa – similar a um motivo pétreo (rochoso) - da composição.



# A Passio iconográfica de São Sebastião



## São Sebastião

1957.1171

Escultura de vulto pleno

Madeira policromada

Produção oficial/individual de carácter popular, 1.º quartel do séc. XVII

**Iconografia:** 1.º Martírio de São Sebastião

### Atributos e desenvoltura estética:

- Corpo ferido com chagas - orifícios de colocação das flechas do martírio.
- *Perizonium* púbico ensanguentado, com vincos e pregueados estáticos
- Rosto imberbe, ovalado e absorto; decorado com tratamento espontâneo, depurado, e ausente de virtuosismo realista.
- Cabelo plano, sem volumetria, concebido através de pintura monocromática – tonalidade uniforme, sem contrastes lumínicos -, na área superior do crânio
- Despojado de vestuário, surge amarrado a um tronco tripartido – que se distancia da orientação uniforme (vertical), da anatomia do santo – através da colocação das duas mãos atrás das costas – combinação que incute na composição, um eixo horizontal, definido pela posição dos braços do mártir.
- Estrutura anatómica frontal, rígida e arcaizante em toda a sua volumetria.

# A Passio iconográfica de São Sebastião

## São Sebastião

1957.0294

Escultura de vulto pleno

Madeira policromada, carnada e dourada

Oficina de carácter erudito, 1.ª metade do séc. XVII

**Iconografia:** 1.º Martírio de São Sebastião

### Atributos e desenvoltura estética:

- Corpo ferido com chagas - orifícios de colocação das flechas do martírio
- *Perizonium*, panejamento púbico ensanguentado, amarrado por corda dupla – colocada ao longo da cintura do mártir – decorado com pregueados, esteticamente desenvolvidos por segmentos diagonais rectilíneos.
- Rosto imberbe, voluptuoso e sereno; nobilitado com carnação rosada e tratamento capilar composto por enrolamentos.
- Despojado de vestuário, anatomicamente robusto e estilizado, denota algum estatismo – embora presente a sua perna direita em sentido de avanço, preso a um tronco de árvore – com ramificações volumetricamente onduladas.
- A combinação bipolar da presúria dos seus braços, formaliza uma nova diagonal na estrutura pictórica desta escultura.



# Serviço Educativo

O MSML oferece ao público um conjunto de opções dinâmicas, que permitem um contacto directo com o seu acervo pluridisciplinar.

O Museu tem no seu Serviço Educativo, direccionado para crianças (público escolar), e seniores, um ponto alto em termos de qualidade teórica e lúdica, proporcionando ao participante uma sensibilização para a própria arte, sua diversidade tipológica e temática, património cultural e sua conservação.

Ao longo do ano lectivo, além do programa educativo permanente, do qual destacamos as actividades “O Misterioso desaparecimento das roupas do sobreiro” e “Uma Viagem pelo Barroco” (com uma percepção global

da atmosfera do séc. XVII e XVIII), o Museu promove actividades/visitas temáticas (complementadas ou não com oficinas), jogos pedagógicos e oficinas alusivas às quadras festivas (Carnaval, Páscoa e Natal). O MSML associa-se igualmente a diferentes comemorações: Dia da Música, Dia do Turismo, Dia de S. Martinho, Dia do Teatro, Dia dos Museus, Dia da Criança, Halloween, entre outros. Fomentando actividades/oficinas relacionadas com o contexto sociocultural do dia em questão, tentando sempre que possível, associar as temáticas invocadas à sua colecção permanente. Além destes serviços, este complexo realiza também Festas de Aniversário direccionadas a crianças entre os 4 e os 15 anos.



Parque de Santa Maria de Lamas, Apartado 22  
4536-904 Santa Maria de Lamas  
Telefone: 22 744 74 68 | Fax: 22 745 49 93  
Telemóvel: 91 664 76 85  
geral@museudelamas.pt  
<http://museudelamas.blogspot.com>  
[www.facebook.com/museudelamas](http://www.facebook.com/museudelamas)  
[www.museudelamas.pt](http://www.museudelamas.pt)